

O Património Tumular Medieval Português

Uma visão de conjunto sobre arcas e jacentes medievais em Portugal

O domínio artístico da escultura, seja com suporte na arquitectura ou de vulto, apesar de longamente secundarizada no que às temáticas de estudo sobre a Idade Média se refere, constitui, na verdade, um dos campos privilegiados de exercício (logo, para nós, historiadores, de observação) de algumas das principais dinâmicas da estética e das mentalidades medievais, e, portanto, dos principais movimentos da criação medieva.

Sugere-nos apelar, assim, na sequência desta consideração, à feliz expressão, que em parte a corrobora, de Johan Huizinga, que apelidou esse momento, tumultuoso a tantos níveis mas inquestionavelmente rico em termos artísticos, que foi o *terminus* da sociedade medieval, de *Outono da Idade Média*¹. Com efeito, para lá do óbvio reforço da ideia de um ciclo que nestes séculos (XIV e XV) se encerra, como os troncos secos dão lugar às tímidas folhas novas, temos aqui contida uma visão metafórica perfei-

tamente válida para a caracterização da escultura gótica, particularmente da de temática vegetalista – pois esta segue verdadeiramente, no modo como a flora se representa, o caminho de uma natureza que, ainda em botão no século XIII, desembocará, a partir do século XV, e particularmente já na dita *arte manuelina*, nos tons cálidos e nas formas espinhosas e recortadas do tempo outonal. É, de facto, este o processo de desenvolvimento de uma nova atenção à natureza iniciado com a escultura gótica de Duzentos e (e é

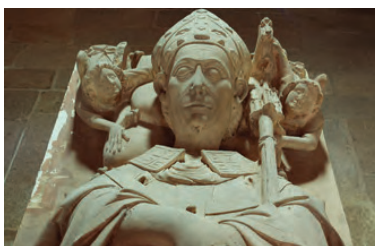
isto sobretudo que no presente artigo nos interessa) de uma propensão naturalista que, concretamente no domínio da escultura tumular, culminará num realismo arrepiante, dificilmente entendível pela nossa sociedade *jovialcêntrica*, plasmado em cadáveres expostos sobre as tampas das arcas. Isto o que encontramos neste século XV nalguns exemplares franceses – enquanto em Portugal, Dom João I e Dona Filipa de Lencastre dão as mãos de esposos fiéis e se fazem representar na sua mais perfeita compleição física. De facto, embora a escultura de vulto (a que pertencem as arcas a que nos referimos) não seja novidade total do mundo gótico, é, indubitavelmente, uma das áreas que maior consistência adquire nestes séculos que se seguem ao Românico. Caminha-se, como dissemos, de um certo hieratismo para um sentido de humanismo muito grande, que chega, nalguns momentos, ao domínio de um realismo surpreendente – e neste processo de *humanização* das temáticas e de exploração dos valores do naturalismo, assume lugar destacado a figura jacente, aquela que literalmente jaz sobre a arca destinada à tumulação e que representa, segundo o código medieval, a pessoa ali inumada. O jacente, esse sim, é, podemos dizê-lo, uma das grandes criações do mundo gótico e, portanto, uma das mais ori-



Jacente da Infanta D. Constança – Séc. XIV (2.ª metade)
Sé de Lisboa, Capela de Santa Ana



Túmulo com jacente de Gomes Martins Silvestre – Séc. XIV (2.ª metade)
Reguengos de Monsaraz, Igreja de Nossa Senhora da Lagoa



Jacente de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga – Séc. XIV (1334)
Braga, Sé, Capela da Glória



Jacente de Bartolomeu Joanes – Séc. XIV (1.º quartel)
Sé de Lisboa, Capela de S. Bartolomeu

que podemos agrupar deste modo: o núcleo de Coimbra, conhecido pelo recurso à pedra de Ançã e pelo trabalho de Mestre Pêro⁴; o núcleo de Santarém⁵; o núcleo de Lisboa, onde tende a usar-se o calcário de liós; o núcleo de Évora, caracterizado pelo uso do mármore; o núcleo do granito ou do Norte de Portugal. O *corpus* escultórico tumular medieval português revela ser, assim, desde logo pela sua abrangência geográfica, um legado privilegiado da nossa medievalidade, património riquíssimo, e tantas vezes mal tratado e compreendido, do panorama artístico português – e isto, não só pelas figuras jacentes de que algumas arcas se dotam, mas também pelas representações que tendem a ocupar-lhes os faciais (nas mais ricas, os quatro), de entre as quais merecerá especial referência a iconografia da caça (mormente caça ao javali), aparentemente uma originalidade portuguesa no quadro da tumularia europeia. O novo tratamento destas peças (como património de valor inestimável) passará, segundo cremos, pelo aprofundar e o generalizar de um novo discurso sobre as mesmas, que coube a José Custódio Vieira da Silva⁶, em larga medida, iniciar em Portugal, e de que aqui fazemos eco como afirmados herdeiros e continuadores. São, de facto, estes *moimentos* lugares privilegiados de preservação de uma memória tantas vezes difícil de captar

(por carência de documentos escritos, por perda de representações, por simples abismos culturais em relação ao nosso tempo), materializadores de algumas cenas, gestos e significações com poucos outros espaços de manifestação, imortalizadores de sociedades e de personagens que, ocupando-se, na maioria, da feitura dos seus próprios túmulos, têm neles o seu mais puro e verdadeiro legado aos vindouros⁷.

Fotos: José Custódio Vieira da Silva
Copyright: Projecto Imago

NOTAS

(1) Johan Huizinga – *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s.d..

(2) Nas considerações que a partir daqui desenvolvemos acerca do jacente medieval, seguimos largamente a proposta de entendimento de José Custódio Vieira da Silva – *Memória e Imagem. Reflexões sobre Escultura Tumular Portuguesa* (séculos XIII e XIV). *Revista de História da Arte*. Nº 1. Lisboa: Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2005. Sobre este tema da escultura tumular vejam-se ainda: Maria José Goulão – *Figuras do Além. A escultura e a tumularia. História da Arte Portuguesa*. Dir. Paulo Pereira. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, e Francisco Pato de Macedo – *O Descanso Eterno. A Tumularia. História da Arte Portuguesa*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.

(3) A principal exceção a esta representação do jacente como um vivo parece ser, na generalidade dos seus exemplares, o grupo episcopal, formado por arcas tumulares de

bispos, os primeiros, de resto, a fazerem-se representar nos seus túmulos por meio de figuras jacentes. Veja-se: Joana Ramôa e José Custódio Vieira da Silva. *Sculpto Immagine Episcopali: jacentes episcopais em Portugal* (sécs. XIII-XIV). *Revista de História da Arte*. Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. N.º 6 (no prelo).

(4) Mestre Pêro é, a par de Mestre Telo Garcia, um dos poucos nomes conhecidos no que se refere a escultores portugueses medievais.

(5) Já noutra oportunidade, concretamente na nossa tese de Mestrado (no prelo), assim como num artigo desta resultante, a propósito das representações do Calvário em arcas tumulares medievais portuguesas, desenvolvemos esta questão do que definimos como os núcleos escultóricos de Coimbra e Santarém. Joana Ramôa – *Os centros de produção escultórica medieval de Coimbra e Santarém: um olhar dirigido à iconografia do Calvário na escultura tumular medieval portuguesa. Arte Teoria*. Revista do Mestrado em Teorias da Arte Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Volume 11. Ano 2008.

(6) *Ob. cit.*

(7) Remetemos, neste encerrar do discurso, para a base de dados de iconografia medieval resultante do projecto de investigação *Imago* e consultável através do site <http://imago.fcsh.unl.pt>, onde se encontram catalogadas 63 peças de escultura tumular medieval portuguesa.

JOANA RAMÔA,
Bolsreira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a realizar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)